

RUA CECI

Decreto nº 3948 de 27-10-1971

Formada pela rua 20 do Jardim dos Oliveiras -

3a. parte e rua 10 da Vila Ypê

Início na rua Mario Augusto Muniz de Aragão

Término na rua Meciaçu

Vila Ypê

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Orestes

Quércia.

CECI

Ceci é a personagem central, juntamente com o índio Peri, do livro "O Guarani" de José de Alencar, e que serviu de tema para a ópera-baile do compositor campineiro Antonio Carlos Gomes. A ação passa-se num castelo de D. Antonio Mariz, pai de Cecília, a Ceci, em 1560, às margens do rio Paquequer, pouco distante do Rio de Janeiro. Ceci que havia sido raptada pelos índios aimorés, é salva por Peri, índio guarani, inimigo dos raptadores. No castelo ao dar a notícia a seus amigos da libertação de Ceci, D. Antonio anuncia o noivado de sua filha com D. Álvaro. Pretendente, também, da mão de Ceci, o aventureiro e traidor Gonzalez trama uma ação contra a moça. Peri que a tudo tinha ouvido, conta à Ceci, e ambos enternecidos declaram-se amor mútuo. A tentativa de Gonzalez é impedida pela ação de Peri e com o alvoroço formado, todos tomam conhecimento do atentado. No mesmo instante, o mordomo anuncia que o castelo está cercado pelos aimorés, que conseguem levar Ceci presa. Na taba o cacique fica maravilhado com a beleza da prisioneira e ao invés de matá-la, declara-a rainha absoluta de todo a tribo. Os índios ficam indignados e quando protestam, surge um grupo, na floresta, com D. Antonio, D. Álvaro e amigos e aventureiros, num assalto de extermínio dos aimorés, e levam Ceci e Peri de volta ao castelo. Ali, Gonzalez e seus asseclas planejam matar a todos, menos a Ceci. D. Antonio propõe-se eliminá-los, quando o castelo é novamente cercado pelos aimorés que vieram reforçar aqueles que haviam sido dizimados. D. Antonio pede para Peri levar Ceci a salvo e que ele diante da situação, iria incendiar o castelo. O final mostra Peri amparando Ceci em seus braços, ao longe, vendo o castelo em fogo.

**DECRETO N.º 3948, DE 27 DE OUTUBRO DE 1971****Dá denominação à vias públicas da cidade de Campinas.**

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1969

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — CACIQUE PIQUEROBI — a rua 2 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 3 do mesmo loteamento.

II — CAMPOS DE PIRATININGA — a rua 3 da Vila Ypê, com início na rua 2 e término na Vila Hípica.

III — CACIQUE CAIUBI — a rua 4 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na rua 2 do mesmo loteamento.

IV — BARTIRA — a rua 5 da Vila Ypê, com início na Estrada Estadual Campinas-Valinhos e término na rua 4 do mesmo loteamento.

V — MECIACU — a rua 6 da Vila Ypê, com início na rua 5 e término na Vila Hípica.

VI — PARAGUAÇU — a rua 7 da Vila Ypê, com início na rua 6 e término na rua 1 do mesmo loteamento.

VII — PERI — a rua 8 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 do mesmo loteamento.

VIII — CECI — as ruas a serem unificadas: a rua 20 do Jardim das Oliveiras — 3.ª parte — com início na rua José P. dos Santos e término na rua Agnaldo Macedo; rua 10 da Vila Ypê, com início na rua Agnaldo Macedo e término na rua 6 da Vila Ypê.

IX — CACIQUE TIBIRIÇÁ — a rua 17 do Jardim Eulina, com início na rua 8 e término na rua 9 do mesmo loteamento.



Um romance que foi transformado em grande ópera "O Guarani"

Correio Popular - 3.3.1940

O escritor Antonio Scalvini, há um século passado, extraiu do romance brasileiro "O Guarani", de José de Alencar, a história que serviu de tema para a ópera-baile, do compositor campineiro Antonio Carlos Gomes:

EPOCA E AÇÃO CÊNICA.

A ação cênica passa-se no Brasil, num Castelo de Dom Antonio Mariz, pouco distante do Rio de Janeiro, às margens do Rio Paquequer, no ano de 1560, portanto 6 décadas após o descobrimento por Pedro Álvares Cabral.

A cena representa uma esplorada arborizada, ante o Castelo do velho fidalgo português, vendo-se no PRIMEIRO ATO, ao levantar do pano, a chegada de numerosos caçadores, trazendo suas presas, enquanto ainda se ouvem ao longe sons de caça. Todos felicitam-se pela excelente caçada, enquanto Dom Alvaro, suporta resignado e confiante, as chalaças e brincadeiras irônicas, indiretas, de outro personagem, Gonzales. Este é despeitado e ciumento, pois a filha de Dom Antonio, Cecilia gosta, mesmo é de Dom Alvaro. E os dois moços são rivais junto às atenções e subtilzas da encantadora Cecilia, que é mais chamada por Ceci.

Dom Antonio, o senhor da propriedade e pai de Ceci, parece subitamente no limiar do Castelo sob a grande porta em arco, seguido por alguns homens armados. Comprazendo-se pelo feliz regresso de seus hospedes — inclusive Dom Alvaro e Gonzales — contalhes a trágica ventura de Ceci, que fôra raptada pelos índios Aimorés, quando estava a tomar banho no Rio Paquequer e isto em represalia pela morte de uma indiazinha da tribo, que havia sido baleada por engano, numa caçada anterior.

Aparece o índio Peri

Limitamo-nos somente ao enredo, uma vez que todo êle decorre entre cantos, cores e solos, acompanhados por grande orquestra.

Nesta altura, todos lamentam o perigo que ameaça a filha de Dom Antonio quando entra um guapo índio da tribo guarani, Peri, anunciando que salvará a sua filha. Diz Antonio: "Ele salvou Ceci, Peri... este é o selvagem, bom e manso..."

Armado de arco e flecha e com a sua indumentária especial, que o distingue dos índios de outras tribus, Peri recebe as felicitações de todos pela bela ação de ter salvado Ceci. Dom Antonio não hesita em chamá-lo de seu irmão, o índio Peri, que se identifica como sendo filho do Cacique, quer dizer, filho de soberano. Logo ouve-se a voz de Cecilia, que juntamente com suas damas de companhia e empregadas, entra em cena. Grande o regozijo por vê-la salva do perigo.

Dom Alvaro, o escolhido

O pai de Ceci, ante tanto entusiasmo, designa Dom Alvaro, como seu futuro esposo. A moça empalidece mas responde que está pronta a ceder à vontade paterna. Sinos da Ave Maria ouvem-se ao longe, quando todos se ajoelham, cabeça descoberta, entoando a prece à Virgem Maria. Peri observa atrás de Gonzales de pé e com dignidade, aquela cena.

Aventureiro e traidor

Gonzalez, o pretendente à mão de Ceci, aventureiro e traidor, de há muito deseja aproveitar-se da generosa bondade de Dom Antonio. No fim da prece marca encontro com dois outros aventureiros — os espanhóis Ruy Bento e Alonso — na "Gruta do Selvagem", ao cair da noite. Peri tudo ouve e propõe-se a anunciar a trama, a traição dos três aventureiros, s.b. à capa assassina de Gonzalez, que não se conforma, ainda, com o noivado de Ceci com Dom Alvaro. Peri, preocupado, é interrogado por Ceci. Conta tudo, pois estão ameaçados seu pai, ela e o seu noivo. Mas pede para que nada diga a Dom Antonio, seu progenitor, pois prefere ser o único justiceiro, sem denunciar ninguém. Ambos se enternecem e sem saber, inocentemente, declaram-se amor mútuo num angustioso adeus. Assim finaliza o 1.º ato da ópera.

"Gruta Selvagem"

O segundo ato consta de várias cenas, que se desenrolam na "Gruta Selvagem", na "Taberna dos Aventureiros" e no quarto de Ceci.

A gruta é ampla, que ocupa a metade do palco, do lado direito. Do lado esquerdo, do espectador, uma floresta virgem com à frente um largo tronco de árvore quebrada pelo raio. Noite escura.



Peri entra sozinho, arrastando-se por entre espesso matagal e para atrás da grossa árvore abatida pelo raio, que lhe serve de esconderijo. De lá, após ter proclamado a soberania de seu bêrço de Cacique, êle assiste a conspiração dos três aventureiros Gonzalez, Alonso e Ruy, que projetam aniquilar os habitantes do castelo, apoderando-se de todos os valores lá existentes. Gonzalez só deseja poupar Cecilia, a quem ama e proclama querer raptá-la ao pai, ao noivo e a todos. Peri ouve tudo e, correndo então para prevenir Dom Antonio do perigo que o ameaça, dá a perceber a sua presença. Peri luta com Gonzalez sendo dominado. Este promete, então renunciar ao seu criminoso projeto, ante a valentia do bugre.

Taberna dos Aventureiros

Ruy e Alonso chegam à Taberna, onde o vinho jorra à vontade, pelas mesas, balcões e bancos toscos, imediatamente entra Gonzalez, anunciando que desviou a atenção do índio Peri, o qual, antes da luta, projetava avisar Dom Antonio de sua traição e que agora poderia agir com toda segurança. Eles confiavam na candura e ingenuidade do filho do cacique guarani...

Quarto de Cecilia

O quarto de Cecilia, com leito à direita do espectador. Grande janela aberta sobre a floresta, do lado esquerdo. Portas fechadas ao fundo e à direita. Mesa e poltrona de estilo colonial. Um violão português sobre a mesa. O luar entra pela janela e inunda o quarto com sua claridade que alcança alcova. Cecilia, sozinha, admira a beleza da noite de luar e depois canta uma balada, acompanhado-se ao violão: "era uma volta um príncipe...". Entra depois no quarto, deita-se e adormece.

Gonzalez tenta rapto

Após curto silêncio, percebe-se que o traíçoeiro, transpõe a sacada da janela e penetra no quarto com evidente intenção de raptar Cecilia. Esta desperta, assustada e repele indignada, o ousado aventureiro. Gonzalez insiste com violência, e, quando está para agarrá-la, entra pela janela uma flecha, ferindo cruelmente a sua mão. Gonzales corre para a janela, e dispara um tiro de pistola a esmo para amedrontar o agressor, enquanto Ceci, observando a flecha, reconhece apenas as cores de Peri e grita com júbilo: "É a fecha de Peri!" O estampido tiro, todavia, acordou os moradores do Castelo, que entram aterrorizados no quarto de Ceci. Esta atira-se aos braços do pai, que exige uma explicação da presença de Gonzalez e dos outros aventureiros na alcova da filha. Peri aparece, de pé, imponente, na sacada da janela e aponta Gonzales como sendo o chefe dos traidores. Este procura desmentir-lo, mas Peri aproxima-se e mostra a todos, a mão do aventureiro, ferida pela sua flecha. Grande indignação de todos, principalmente de Dom Alvaro e Dom Antonio lamenta a traição sua amigável hospitalidade.

Cêrco do Castelo

Nêste momento ouve-se um estranho rumor vindo dos jardins e o som de instrumentos que aterrorizam a todos. Entra Pedro, o mordomo, que anuncia ofegante estar o castelo sitiado pelos Aimorés, que reclamam vingança pela morte involuntária da jovem índia de sua tribo. Todos, ante o perigo comum, juram fidelidade e ardil para defender o castelo ameaçado e saem em punhando as armas, enquanto Cecilia ajoelha-se e pede a proteção divina.

Aimorés aprisionam Ceci

Agora estamos no terceiro ato, vendo-se a taba dos Aimorés no limiar da floresta de onde se avista, ao longe, o Castelo de Dom Antonio de Mariz; Luxuriante vegetação e árvores secuias. À direita do espectador, a tenda do Cacique da tribo, feita com fibras vegetais, bambús e folhas de palmeiras. De outro lado da cena, aos pés de um jequitibá-gigante está Cecilia prisioneira. Ela veste traje escuro, um véu cobre-lhe as feições, enquanto permanece dolorosamente triste. Alguns selvagens a guardam. Os índios Aimorés comentam o combate do dia anterior contra os moradores do Castelo, enquanto as mulheres lavam suas feridas e dão-lhe a beber água de côco. Ao fundo da cena uma fogueira sobre pedras aquece água num panelão de barro. Ao lado da choupana do cacique, queimam folhas aromáticas sobre um montão de pedras. Crianças aimorés correm de um a outro lado, ajudando as mulheres e também aos selvagens, que aguçam e afixam as flechas, esticando as cordas dos arcos ou aprestam "inúbias" e "saracás".

Cacique deseja uma rainha...

O cacique, em toda a sua magestade, precedido de rituais primitivos chega até Ceci, redobra as imprecações contra os homens do Castelo e ao levantar o véu que cobre a cabeça e o rosto da infeliz moça, queda admirado ante a sua beleza e já enternecido declara não ser ela uma escrava... sim rainha e absoluta soberana de toda a tribo. Os índios, ante tal pronunciamiento ficam indignados e querem mata-la. O cacique defende-a energicamente, quando entra um grupo de Aimorés, trazendo Peri prisioneiro, desarmado, apenas com o arco suspenso às costas. O cacique cheio de surpresa, reconhecendo em Peri o índio guarani, amigo do odiado dono do Castelo, indaga quem tivera a honra de vencer aquele herói da floresta.

Respondem-lhe que ninguém poderia capturá-lo, não fóra o seu destino ingrato que o fez cair extenuado. Cecilia compreende logo que êle se entregou voluntariamente só para vê-la. O cacique quer saber a razão de sua rendição. Peri retruca com altivez que fóra apenas o desejo de o matar em sua própria taba, pelo que o Aimoré furioso, responde-lhe que será degolado ali mesmo.

Condenado a morrer

É um grande cerimonial é realizado, com danças em círculo, precedendo a morte do inimigo Peri. A fogueira é preparada. Afiam-se facas de ossos. Uma índia bonita vai até



Peri, com uma cuia contendo vinho de abacaxi, que ele recusa, deixando cair tudo no chão. As danças prosseguem com grandes alaridos, com os toques das "inúbias" e os maracas, Cecilia é colocada ao lado do malanquim do Cacique, para assistir as solenidades da ante-morte de seu admirador e protetor — o Peri guarani. A moça permanece angustiada, em atitude humilde. Durante a cerimônia, Peri e Ceci, exprimem seus desencontrados sentimentos, até que o Cacique manda cessar tudo...

Os dois a sós

O cacique manda que todos se retirem e diz à Cecilia que o condenado à morte, Peri, tem direito a uns momentos de amor; é lei da tribo; retira-se com todos os índios e os dois namorados se enternecem, até que Cecilia desata as cordas, perguntando de notícias do pai. Está a salvo. Ambos somente pensam na libertação, mas face à idéia da morte iminente e inevitável, declaram-se mutuamente intenso amor. Peri não cede ao insistente pedido de Ceci, que o incita a fugir. Ele diz que tomou poderoso veneno e que devorado pelos índios antropófagos, trará a morte certa a toda a tribo Aimoré, libertando assim a sua adorada Cecilia e Dom Mariz, seu pai, das ameaças dos bárbaros selvagens. A moça desespera-se, enquanto os dois apaixonados trocam juras de amor. Os índios ao longe ansiosos pelo macabro banquete, gritam lacrimosamente, com feros e irrefreável impaciência.

Golpe no prisioneiro de honra

O cacique chegando com a tribo, toda declara o prisioneiro, como visita de honra, merecendo pois morrer com um só golpe de tacape"; segue-se o adeus dos Aimorés, ao oferecer ao Tupan, seu deus, a sua vítima. Peri e Ceci, ajoelham-se, implorando socorro e bênção aos seus próprios inimigos.

Salvos

Apenas finda a invocação, Peri apresenta com desprezo o seu peito ao cacique e aos aimorés, esperando o golpe de morte, quando se ouve no limiar da floresta um forte tiroteio e todos permanecem estarelecidos, com medo; Dom Alvaro e Dom Antonio, unidos com aventureiros, invadem a taba dos aimorés, num assalto de extermínio, que os subjuga completamente. O cacique cai morto e Cecilia atira-se nos braços do pai. Peri, toma um contra veneno e junta-se contra a tribo, ao ataque dos portugueses e aventureiros. E assim termina o terceiro ato.

Novas traições

Quarto e último ato: Os subterrâneos do castelo acham-se iluminados por uma tocha fincada numa mureta. Uma porta ao fundo dá acesso à uma escada rústica, que conduz aos aposentos superiores. Uma pequena porta à direita dá comunicação com outros abrigos subterrâneos. Também à esquerda. Ao lado acham-se smontoadas diversos barris de pólvora.

Os dois aventureiros espanhóis, Ruy e Alonso, esperam ansiosamente Gonzalcz, seu chefe, que chega quase imediatamente para lhe relatar os últimos acontecimentos e combinar novas traições e assaltos. Gonzalez quer aniquilar Dom Mariz e Dom Alvaro, deixando para si a encantadora Cecilia. Os demais aventureiros hesitam um pouco, mas acabam concordando na nova tentativa assassina. Dom Antonio Mariz, porém, surge inopinadamente com o seu fiel Pedro, o mordomo, dizendo que ouviu tudo e que está a par da odiosa trama. Ordena a Pedro que se retire, fechando a porta, pois ele só bastará para punir os traidores.

Voltam os aimorés

Os aventureiros fogem pelo lado esquerdo, escondendo-se, naturalmente, nas profundezas dos subterrâneos do castelo, enquanto aparece Peri que entra pela porta do meio, no fundo da cena. Regosijando-se por vê-lo ainda vivo, apesar do veneno que sabia ele ter tomada, Dom Antonio aconselha-o a fugir sem demora, pois sabe que o castelo está cercado por outros aimorés que vieram reforçar os que haviam sido eliminados no dia anterior; e que também, não podendo vencer a traição dos aventureiros, que ainda se acham sob o seu teto, tomou a resolução de destruir o castelo, para ter uma morte honrada com todos, os seus.

Salvar Ceci

Peri oferece-se para lutar e resistir com Dom Antonio, mas como este recusa, o índio propõe-lhe então, salvar ao menos uma pessoa da família. "Impossível!" retruca o fidalgo. Mas o nobre indígena insiste rogando-lhe seja concedida uma última graça: a de salvar Ceci. "Mas como? indaga o pai, invadido de súbita felicidade. Peri conta-lhe que preparou uma ponte de fibras vegetais suspensas sobre o fosso atrás do castelo e que ele somente saberia atravessá-lo com a sua filha. Dom Antonio, embaraçado, responde que só não lhe pode confiar a sua idolatrada filha, em tão desesperada situação, por não professar o índio a mesma fé cristã dos portugueses. Peri, imediatamente, roga a Dom Antonio que o batise, pois está pronto a adorar o mesmo Deus de Cecilia. Ajoelhando ante o velho fidalgo, o índio recebe a bênção do batismo, beijando respeitosa-mente a cruz da espada de Dom Antonio, que lhe apresenta como símbolo sagrado.

Cecilia não quer

Apenas finda a comovedora cerimônia, chega Cecilia, muito alvoroçada em busca do pai, anunciando que tudo está acabado. Os aimorés venceram o castelo, Dom Antonio, porém diz-lhe que ela poderá ser salva por Peri. E conta como pode se evadir, para ser levada junto de seus parentes no Rio de Janeiro. Cecilia não quer separar-se do pai e insiste para ficar e com ele morrer. O pai ordena a Peri que a leve à força. Cecilia desmaia. O pai beija-a carinhosamente e exclama: "foge, foge depressa, Peri..." Este diz o último adeus ao fidalgo e parte rapidamente levando Cecilia em seus braços.

FIM DO CASTELO

E nesse interregno, entram os aventureiros, traidores, que percebendo a fuga dos dois, quer perseguir-los, gritando-lhes que parem. Dom Antonio interpõe-se advertindo-os e ameaçando-os com uma tocha acesa sobre a mureta. Gonzales ataca, de espada em punho e o fidalgo, rápido atea fogo dos barris de pólvora, provocando uma tremenda detonação e o desmoronamento do castelo. Todos caem mortos, enquanto no fundo da cena descortina-se o panorama dos arredores do castelo, vendo-se o campo dos Aimorés ao longe e mais perto uma colina, sobre a qual Cecilia cai de joelhos ao assistir o fim trágico do castelo com seu pai dentro... Peri ampara-a docemente, quando Cecilia desmaia em seus braços, confiante em seu protetor.

(Síntese de Cataldo Bove).

Fevereiro 1970.

(De autoria de Cataldo Bove no jornal "Correio Popular" de

03-março-1970)